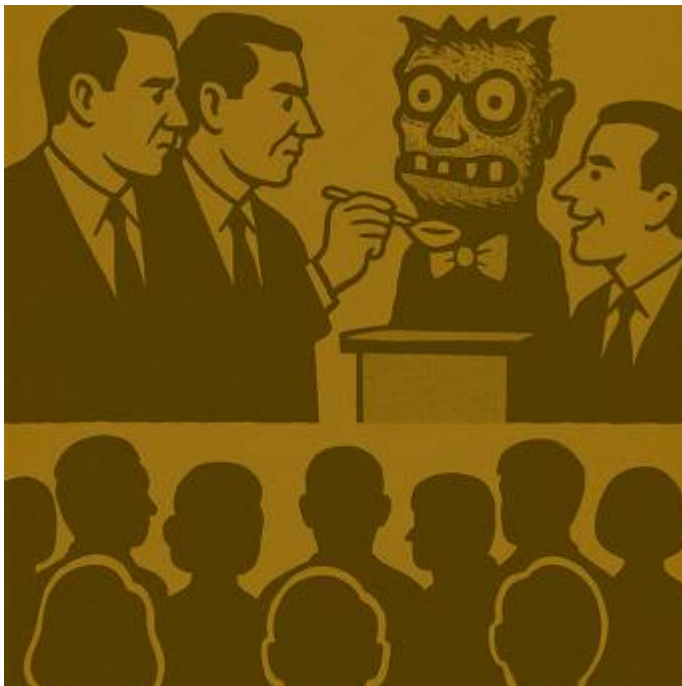


O Monstro Cresceu no Jardim do Centrão

Publicado em 2025-05-25 20:20:15



Quando os pais da crise fingem não conhecer o filho populista

Por Francisco Gonçalves

Nos últimos tempos, ouvimos figuras do PS e do PSD dizerem, com ar aflito, que **não sabem como lidar com o Chega**.

É comovente. E também é cómico — se não fosse, acima de tudo, trágico.

O Chega é a criatura do sistema que fingiu combatê-lo.

Foi gestado no ventre da desilusão, alimentado com as sobras da má governação, educado nos corredores da frustração popular.

Mas o sistema? O sistema estava ocupado a fingir que tudo estava bem.

O berço da demagogia estava forrado a PS e PSD

Durante cinquenta anos, os dois partidos que se alternaram no poder:

- Venderam promessas que não cumpriram.
- Cultivaram clientelas, boys e estruturas fechadas.
- Censuraram o pensamento livre dentro das suas juventudes partidárias.
- Ignoraram os sinais de miséria crescente e empurraram gerações para a emigração.
- Administraram o país como uma empresa de manutenção, sem projeto, sem sonho, sem verdade.

E agora, de repente, dizem-se “surpreendidos” com o crescimento do Chega.

Como se o populismo tivesse caído de Marte.

O Monstro só cresceu porque ninguém limpou a casa

O Chega não seduz por ter boas propostas — seduz por apontar o dedo aos culpados certos (mesmo que pelas razões erradas).

Diz o que muitos sentem, mas com o veneno do ressentimento e da simplificação.

Enquanto isso, os partidos tradicionais continuam a falar em “estabilidade orçamental”, “coligações alargadas” e “reformas estruturais” — como se ninguém os ouvisse há 50 anos a dizer o mesmo.

Sátira? Eis o diálogo imaginário:

PSD: Não sabemos como travar o populismo.

PS: Precisamos de uma frente democrática.

CHEGA (rindo): Continuem a fazer igual. Eu agradeço.

Conclusão

O Chega é o espelho partido de uma democracia que se esqueceu de ser democracia.

E os seus criadores, hoje assustados, fingem que nunca o alimentaram.

Mas o povo sabe.

E, mais cedo ou mais tarde, saberá escolher não só entre o medo e a farsa — mas por uma nova forma de cidadania.

“A crise do regime não começou com o Chega. Começou com os que fingiram que estavam a governar o povo — quando na verdade estavam apenas a gerir o seu silêncio.”
